

O palco da simples expressão popular

Os candidatos à Constituinte redescobriram a Rodoviária de tal forma e tão obstinadamente, como talvez o único local viável de centralizar toda uma população de uma cidade estrategicamente construída. E a invadiram com os seus santinhos, discursos, promessas e persuasões. Mas o povo, há muito, faz dela a praça pública, seu palco de procura e achados e o seu território obrigatório de trânsito para o trabalho e suas moradias.

Por suas escadas rolantes, passam diariamente 200 a 300 mil pessoas. Ponto preferido dos vendedores de jornais, dos insanos que ensinam o caminho para os mais diversificados salvadores, e daqueles que fazem deste espaço o seu local de trabalho para a venda de curativos e bálsamos para todos os possíveis males e "inguizeiras". Enquanto adormecem à sua sombra os inanimados de uma fome maior.

Inaugurada a 12 de setembro de 1960, pelo presidente Juscelino Kubitschek e pelo prefeito Israel Pinheiro, a Rodoviária de Brasília surge entre os dois eixos rodoviários, estruturado no projeto viário de Lúcio Costa, e desde então tornou-se o verdadeiro centro da cidade.

Como um aeroporto de uma cidade provinciana, ela atraiu o espanto dos que a visitavam, na incompreensão de uma arquitetura tão moderna, capaz de transformar um viaduto num espaço viável para abrigar as instalações necessárias para o embarque e desembarque de passageiros. E por que não? além de atrair curiosos e turistas, se tornar, na época de sua inauguração, num ponto de passeio de famílias que disputavam, sem darem conta, da ocupação de um território a quem o povo na verdade é o real proprietário.

Das inúmeras mudanças ocorridas na vida de Brasília, a rodoviária, como nenhum outro local, tem sido a expectadora direta e o substrato destas mudanças.

Com a criação da Rodoferroviária, em 81, foram transferidas dali os ônibus de viagem interestadual, ficando somente para o embarque e desembarque de passageiros da região geoeconômica e das linhas urbanas de Brasília — incluindo os das cidades-satélites. As estatísticas apontam uma média de 180 mil pessoas que transitam diariamente naquela localidade, das 3.600 partidas e chegadas das 81 linhas de ônibus que operam com o transporte de massa da cidade.

Comércio

Funcionam na Rodoviária, 77 estabelecimentos comerciais, sem contar as entidades de assistência social, representações da Junta Militar, Tribunal Regional Eleitoral, Administração da Rodoviária e Postos de Identificação e Policial.

O seu mais antigo e folclórico habitante, é o proprietário do Salão Copacabana, Luis Valor Lopes. Instalado ali desde novembro de 60, Luis Valor, 61 anos, natural de Madrid, Espanha, vê hoje a Rodoviária muito diferente dos pioneiros anos e longe de suas verdadeiras intenções.

Com ex-clientes famosos, que incluem políticos famosos como próprio presidente Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, Luis Valor acredita que a Rodoviária era para se transformar num ambiente de luxo comercial, digno de se frequentar. Mas alega que nos dias atuais, se resume a uma condição humilde e apenas como um local de trânsito. E acrescenta: "é incomparável, de ouro passou a alumínio", mas finca pé: "como uma casa que criei, só saio daqui morto, tenho um amor muito grande por isto aqui".

No entanto, cabe ao proprietário das Pastelarias Viçosa, Sebastião Gomes da Silva, as maiores recompensas por ter se instalado na Rodoviária. Mineiro, hoje dono de uma rede industrial e comercial de produtos alimentícios, Sebastião, há muitos anos não acompanha diretamente as atividades na Rodoviária, mas reconhece o grande lucro que obtém na venda de aproximadamente 4 mil pastéis e 3 mil copos de caldo de cana vendidos diariamente. Sem esquecer que por obra de um destino veio a lançar um prato considerável, mesmo com controvérsias, para a cultura candanga.

Já para a proprietária da banca de revistas da plataforma superior da Rodoviária, tida como uma das mais concorridas e completas da cidade, Rita Credmann, a Rodoviária pôde lhe mostrar um caminho novo de vida. Atraída a Brasília para trabalhar nas cantinas de operários de construção, a cearense, juntamente com seu marido, encontrou uma forma de vencer o sustento da família, e pôde aumentar os negócios com uma outra banca de revista e uma casa lotérica, também na Rodoviária. Agora ela enfrenta um novo problema, reconstruir uma de suas bancas, destruída no incêndio do confronto da última manifestação.

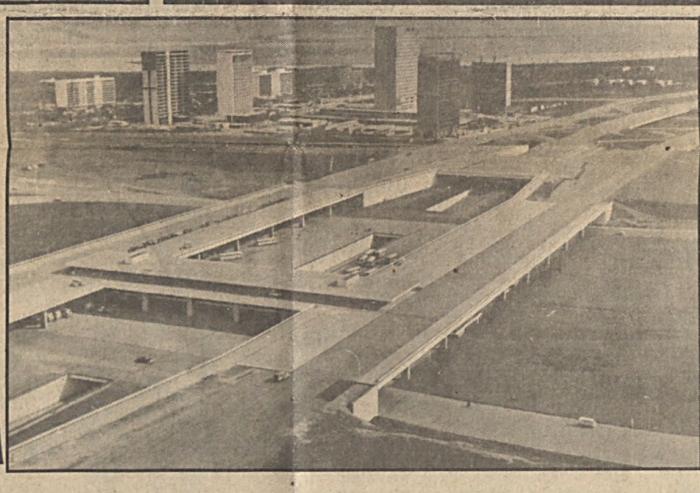
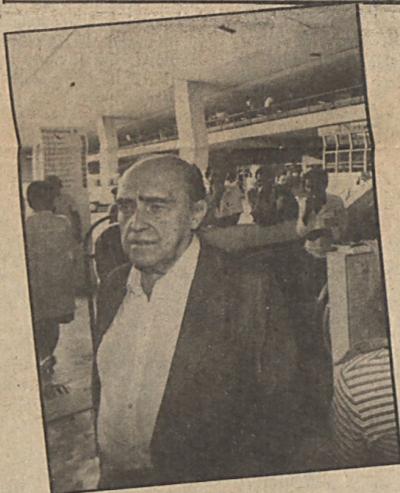
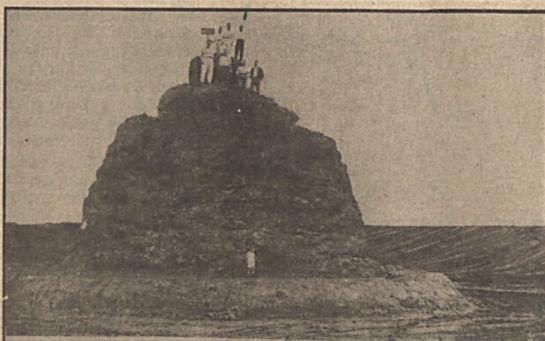
A história dos que ganham a vida com o comércio na Rodoviária ainda esconde muitos sucessos e decepções. Como uma roda viva, os acontecimentos se sucedem no dia-a-dia, e muitos aguardam sua vez para estabelecer nesta confirmada mina de ouro. Muitos vivem à margem dos lucros e insistem em fazer daquele mundo, uma forma de se obter também seu espaço, e assim fazem em precária condições, um nômade comércio da sobrevivência.

Outros, numa mescla de artistas e

Ivaldo Cavalcante



Carlos Merandó



Rodoviária

Fundada a 12 de setembro de 1960, a Rodoviária de Brasília vem sofrendo no decorrer de todos estes anos, as transformações naturais junto com a cidade, sem deixar de lado, suas particularidades, sua rotina e até na função maior — tornou-se praça pública e em seu palco, todos têm seu lugar.

Wanderley Freire

uma encruzilhada vertente, à parte do mundo múltiplo da Rodoviária. O fotógrafo pioneiro, Valdir se diz cansado. Não quer mais conversas com curiosos e jornalistas sobre suas atividades de "lambe-lambe". Para ele, basta a grande confusão feita por estudantes da UnB, numa gravação de um curta-metragem, que lhe roubou tempo e em nada mudou sua condição de trabalho. Enquanto se recusa a mais um "nhen-nhem-nhem", Valdir tenta resistir a concorrência desleal de um cine-foto profissional, recentemente instalado ali que anuncia revelação de fotos em trinta minutos, tirando sua vantagem no ganha-pão.

O Centro de Atendimento ao Imigrante Carente, ligado à Fundação do Serviço Social do GDF, atende na Rodoviária, no antigo posto onde funcionava o Sistema Nacional de Emprego — Sine, os inúmeros imigrantes que chegam a Brasília, esperancosos de encontrar o eldorado onde jorra o leite e o mel. Muitos próximos a men-

Brejo da Cruz

Chico Buarque

Eletrizados/ cruzam os céus do Brasil/ na Rodoviária/ assumem formas mil/ uns vendem fumo/ tem uns que viram Jesus/ muito sanfoneiro/ cego tocando blues/ uns tem saudade/ e dançam maracatus/ uns atiram pedra/ outros passeiam nus/ mas há milhões destes seres/ que se disfarçam também/ que ninguém pergunta de onde esta gente vem/ são jardineiros/ guardas noturnos, casais/ são passageiros/ bombeiros e babás/já nem se lembram que existe um brejo da cruz/ que eram crianças/ e que comiam luz.

dicância, este Centro tenta facilitar o retorno destes imigrantes aos seus lugares de origem, quando não, os encaminha para os albergues do Núcleo Bandeirante, Sobradinho e Ceilândia.

A mendicância que assola a Rodoviária vive às custas de uma impotência governamental, que mesmo atendendo a 464 carentes no último mês, se faz invisível ante o grande número de carentes que a cada dia aumenta, e que não raro se instalam ali com suas crianças e apetrechos domésticos, num contínuo afronto à incapacidade dos que os marginalizam.

O Centro avisa que para este mês de dezembro já não tem recursos para continuar seus trabalhos e financiamento de passagens, restringindo suas funções ao encaminhamento dos imigrantes carentes aos albergues que os assistem.

Cultura

Sobrevivendo a toda imposição que a coloca à margem de toda expres-

são cultural, a Rodoviária consegue, sem nenhuma corrente burocrática, divulgar a expressão popular, extrapolando sua concepção conceitual arcaica de mero local de trânsito de passageiros.

Mesmo sem nenhum espaço específico que dê aos artistas brasileiros a oportunidade de maior sintonia com as massas populares, e seguramente com a maior divulgação de sua arte, a Rodoviária dá exemplos com a expressão de artistas que ali se alocam para colocar seus lamentos numa sanfona, sua vivência na literatura de cordel e no grito calado de suas existências.

Reynaldo Jardim, presidente da Fundação Cultural, reconhece estes valores intrínsecos à Rodoviária, e esporadicamente vem tentando injetar alguma atração cultural àquele espaço — como recentemente com a mostra fotográfica de profissionais da imprensa candanga. No entanto, reconhece as dificuldades para se estabelecer um ponto de atração cultural. Atualmente, com o Grande Circo Lar, se pretende estender como um braço a divulgação da cultura popular para este centro, criando um espaço seguro para a expressão candanga na extensão do público da Rodoviária.

Mas a Rodoviária não desiste, e insiste.

Vida noturna

A vida noturna e boêmia da Rodoviária começa cedo. Com picos e variáveis conforme o dia da semana, ou com acontecimentos da cidade, que de qualquer maneira acabam por influenciar na sua movimentação. De todo modo, a partir das quintas-feiras de cada semana, já se pode sentir as suas mutações, principalmente pela presença dos soldados que aproveitam os seus dias de folga e pelo maior número de carros que circulam a plataforma superior à espera de algum encontro marcado ou de alguma companhia a que sexo possa interessar.

Os códigos da paquera desenfreada são facilmente decifrados pelos seus habituais frequentadores, que vão desde a olhares insistentes, à perseguição do pretendido por suas escadas rolantes que conduzem a filas de ônibus prestes a sair, ou a um convite para uma conserva no carro estacionado, até uma melhor aproximação nos banheiros da Rodoviária.

Além disto, existe a distribuição geográfica que por natureza ou circunstância da imposição, determina o tipo de encontro que possa vir a acontecer. De tal maneira, acaso intromissão de desavisados, na plataforma superior da Rodoviária são esquematizados três campos de batalha, conforme assíduos frequentadores e trottoir: nas proximidades do Teatro Nacional, no estacionamento superior, ficam os que páram na Rodoviária na intenção da espera de algum ônibus ou na compra de um cigarro, e como aparentemente nada querem a mais, encontram com os seus parceiros soldados (conhecidos como recos), os quais tem o maior domínio deste campo.

Do lado esquerdo da rodoviária, no sentido de direção à Asa Sul, ficam os que caminham ou saem das boates do Conic, que procuram ali ter alguma companhia ou na maioria das vezes ganhar algum trocado, como também melhores chances para obter empregos e facilidades na cidade. Próximo ao Touring Club, em direção à Asa Norte, fica restrito aos encontros motorizados, cujos condutores não se arriscam a saírem dos veículos, podendo contar ainda com a maior proteção policial que se faz presente naquele local.

Aos domingos, principalmente, a agitação da rodoviária atinge sua maior intensidade, cedendo terreno aos inúmeros frequentadores que dali fazem o caminho para a feira de artesanato da Torre de Televisão, ou aos que tentam resgatar para o Plano Piloto, a praça interiorana de suas cidades de origem, no encontro de amigos e na procura de novos, fazem a incansável trilha de andar ao léu, ou maquinalmente de lá para cá.

No Restaurante Chapéu de Palha, tudo pode acontecer e acontece. Prostrados em suas cadeiras com vistas para o interior da Rodoviária, onde ônibus fazem suas manobras, casais começam seus fins de semana com os chamados «PF» (prato feito) da casa e entram noite adentro intercalando chopp com cachaça, ao som de um conjunto de música sertaneja ou de serestas. Segundo seu proprietário, Vicente de Paula, os incidentes são poucos, mas o que movimentava a moçada são bilhetinhos entre os conquistadores.

Mas se a noite revela um pouco mais do lado oculto da Rodoviária, ela desnuda por sua vez os homens que dela se ocupam. Que se encontram, enquanto fogem da solidão de uma cidade, desembocando na oportunidade de auto-conhecimento.

A noite corre, a insônia persegue. Quando tudo poderia traduzir num fim de noite e no calmo amanhecer de um novo dia, entram em cena os homens da limpeza da Rodoviária. Lavando e varrendo os restos do dia passado.

O dia se faz lentamente na Esplanada dos Ministérios. Alguém toma um café, outros embarcam nos primeiros ônibus da manhã.

Começam novos encontros e despedidas. Recomeçar.